

AMÉRICAS TRANSITIVAS E AS REDES DO LITERÁRIO,
O CASO DOUGLAS DIEGUES

Isabel Jasinski (UFPR)

RESUMO:

A reflexão sobre a literatura não pode ignorar as redes do literário, formadas pelos autores, suas obras e seus meios de circulação, a internet, o periodismo, as editoras, viagens, feiras e prêmios, ao considerar a relação e a mobilidade de escritores na atualidade. Ao pensar sobre os dilemas da globalização, se vincula em parte ao fenômeno da migração que coloca pessoas em comunidades onde várias línguas são faladas, como considera J. Hillis Miller (2012). Isso não é novo para os Estudos Literários, diversos escritores viveram fora de seus países de origem, é um dado histórico para a literatura moderna, comprovou Claudio Guillén em “El sol de los desterrados” (1998). A dinâmica dessa experiência contemporânea é mais complexa, obedecendo talvez a razões políticas, mas principalmente econômicas e culturais, que impulsionam seu nomadismo. Por intermédio da rede, eles saltam espaços e constroem relações, virtuais e físicas, envolvendo gesto e ação, linguagem, corpo e espaço. A expressão artística desses deslocamentos, então, se manifesta como hibridiz de palavras, imagens e meios nas obras de escritores que publicam em “cartoneras” ou editoras independentes, escrevem em blogs, misturando texto, imagem e performance, vivem em fronteiras ou em pontes aéreas. Em decorrência disso, a literatura atual promove a disseminação de paradigmas de valor e julgamento em multiplicidades de referências, propondo uma nova política da sensibilidade, conforme Jacques Rancière em *A partilha do sensível: estética e política* (2005). Nesse sentido, ela pode se constituir como expressão da significância, na perspectiva de Jean-Luc Nancy (1993), que se desenvolve em espaços descentralizados para muitos escritores latino-americanos. É o caso de Douglas Diegues ao elaborar a *poiesis* do portunhol selvagem na fronteira com o Paraguai, que essa comunicação propõe como leitura para discutir sobre a sua contemporaneidade e como as redes do literário constituem o *ethos* da sua poética descentralizada.

Palavras-chave: Literaturas em trânsito. Redes do literário. Literatura contemporânea.

Mesmo quando sofre seu efeito, o nômade não pertence a esse global relativo onde se passa de um ponto a outro, de uma região a outra. Ele está antes num absoluto local, um absoluto que tem sua manifestação no local, e seu engendramento na série de operações locais com orientações diversas: o deserto, a estepe, o gelo, o mar. (Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI, 1995)

De um certo ponto de vista o que representamos como redes são rastros de *fluições*: tentativas de capturar uma dinâmica que ocorre no espaço-tempo dos fluxos (...) Agrupamentos são configurações de rede. A pessoa como *continuum* de experiências intransferíveis e, ao mesmo tempo, como série intermitente de relacionamentos, se

comporta como ator (ou agente) por estar imersa (conectada e agrupada) em um ambiente interativo. Portanto, são a interação e a *clusterização* que “produzem” o agente (ou ator). (Augusto de FRANCO, 2010)

Introdução

O fluxo da rede pode se caracterizar como absoluto local do nômade cibernético, conectado às operações locais com orientações diversas. Nesse sentido, esse tipo de nômade contemporâneo é visto como agente criado pela interação e agrupamento, mas articulado às suas experiências intransferíveis. Tal nomadismo é ferramenta para relações que se estabelecem em todos os âmbitos, inclusive literário, produzindo afetos que definem a ação e o comportamento dos indivíduos, como entendem os teóricos do afeto, de acordo com Ruth Leys, pesquisadora da Universidade Johns Hopkins e autora de “The Turn to Affect: A Critique” (2011). No caso de uma parte da produção literária latino-americana atual, muita coisa se faz fora dos circuitos oficiais, de propriedades e *royalties*, privilegiando ações conjuntas que resultam em redes de “significância”, condição de possibilidade da significação (NANCY, 2003, p. 25). É o caso das editoras cartoneras que se disseminam pelas urbes do continente, fenômeno que se iniciou com Eloísa Cartonera em Buenos Aires/2003, fundada por Washington Cucurto e Javier Barilaro – sem falar das inúmeras editoras independentes, dos blogs e coletividades artísticas, que não cabem no recorte deste trabalho.

Seguindo o percurso das mobilidades como tópico dos estudos literários para abordar a condição humana na contemporaneidade, relacionada à percepção da obscuridade que faz parte do presente (AGAMBEN, 2009, p. 62), esse estudo pretende considerar, no momento, a obra *Triple frontera dreams* do brasiguaiou Douglas Diegues. Contudo, faz parte do *corpus* do projeto de pesquisa intitulado “Américas transitivas e as redes do literário”, junto com outros autores como Mario Bellatin, Maria Alzira Brum, Rey Andújar e Dani Umpi, projeto que oferece a sustentação teórica para esta reflexão. São todos escritores que vivem a mobilidade no espaço real e virtual, cuja ação não pretende alcançar um resultado predeterminado, mas circunscreve operações locais com direções diversas por meio das redes do literário, é nossa hipótese. A imprecisão, a oscilação, o hibridismo, a desreferencialização são alguns efeitos expressivos dessa condição de estrangeiro dos escritores, assim acontece com Douglas Diegues ao elaborar a *poiesis* do portunhol selvagem na fronteira do Brasil com o Paraguai, que se manifesta na expressão da língua, na estrutura do texto e no conteúdo do relato.

O cosmopolitismo, as fronteiras, o exílio, os desterros, as migrações são processos de constituição social, histórica, cultural do ser humano, marcantes para a formação da cultura ocidental, apesar do seu sedentarismo atual. Para Claudio Guillén (1998), partindo das primeiras considerações sobre o exílio do século V a.C., o desterro se tornou complexo em consequência do desenvolvimento social e político, o que se verificou nos diferentes desdobramentos dessa experiência, em condições diversas e adversas: peregrinações, nomadismo, *flânerie*, turismo, as diversas formas de exclusão política e social, são alguns deles. Por outro lado, Ottmar Ette (2015), romanista da Universidade de Potsdam, aborda a questão da perspectiva da mobilidade para enfatizar o movimento como processo fundamental de formação na literatura, vinculada a processos históricos de globalização (a expansão da *web*, para ele, caracteriza a 4ª etapa da globalização). J. Hillis Miller (2012) aborda os dilemas da ideia de “global”, em *How To (Un)Globe the Earth in Four Easy Lessons*, para subverter a ideologia da globalização, sendo os estudos literários um dos caminhos para “desglobalizar” a Terra. No geral, a maior parte dos estudos relacionados à mobilidade, trata do assunto no âmbito dos Estudos Culturais e Pós-colonialistas, prevalecendo o caráter social, histórico e cultural na abordagem. Em vista disso, é uma discussão que anda par e passo com as reflexões sobre a modernidade e todas as suas derivas. A proposta a ser desenvolvida pela pesquisa, da qual esta comunicação é somente um preâmbulo, intenciona relacionar a mobilidade à linguagem e seus modos de articulação, como redes de significância promovidas por afetos, em que todas esses aspectos interagem e se modificam.

A complexificação dos processos existenciais do sujeito a partir da mobilidade produziu a consciência acerca das diferenças entre os indivíduos, cujas experiências singulares marcam definitivamente sua posição no mundo, seu imaginário e sua linguagem. Esse movimento de autopercepção e expressão pontuou sua liberdade em oposição à massificação. Os questionamentos sobre o poder do Estado, decorrentes do Maio de 68 na França, reivindicaram a descentralização e propuseram modos diferentes de compreensão dos processos históricos, sociais, artísticos, contrários ao positivismo que amparava as instituições oficiais. Com isso, o questionamento do sentido de verdade, de absoluto, de definitivo, passou a ser o foco das reflexões sobre os grandes discursos na segunda metade do século XX, desconstruindo as oposições dialéticas a favor da lógica do *nem/nem*. O sentido de transitoriedade foi uma percepção moderna que se intensificou na contemporaneidade, vista como precariedade relacionada ao

sentido de devir, como abertura à relação, ao imprevisível, ao indizível, ao indecível. O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação de massa acentuou esses processos, viabilizando a circulação de ideias, os agrupamentos de interesses e a ampla demanda de posicionamento dos indivíduos nas redes sociais, como observou Augusto de Franco (2010), afetando a linguagem no começo do século XXI. Consideramos que a expressão literária, tocada por esse processo, se caracteriza pelo fluxo de sentidos, que Jean-Luc Nancy (2003) entende como significância, ao tratar o sentido como sua própria disseminação.

Aspectos de literatura e mobilidade

Existem muitos estudos sobre o assunto, podemos entender que é uma das frentes de pesquisa nos Estudos Literários em expansão, como se observa pelos simpósios organizados para o XV Encontro da ABRALIC, pelos grupos de pesquisa do CNPq, como “Estudos literários interamericanos e transatlânticos”, ou em livros como *Literaturas em trânsito, teorias peregrinas*, publicado pela Editora da UFPR em 2015, que reúne artigos de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. O *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, organizado por Zilá Bernd em 2010, entre outras obras, oferece referências básicas para os estudos relacionados ao tema, em uma perspectiva histórica e também conceitual, destacando o seu interesse na reflexão sobre a contemporaneidade, seus processos culturais e artísticos. Noções como alteridade, diversidade, pluralidade, além de fronteiras, passagens, confins, trânsito, percursos, movências, derivas fazem parte da constelação terminológica da mobilidade como tópico dos Estudos Literários. Pierre Ouellet, lembra Bernd, também “fala de migrâncias não apenas no sentido geocultural (...), mas de um deslocamento de natureza ontológica e simbólica, ou seja, deslocamento do sentido e do ser na experiência da alteridade” (2010, p. 18). A professora da UFRGS propõe uma tipologia das mobilidades a partir de alguns eixos temáticos, que definem um parâmetro de tratamento dessas questões no contexto americano, pontualmente canadense.

São aspectos que também se destacam nas obras dos escritores que são objeto dessa pesquisa, porém se apresentam dinâmicos, porque se complementam e influenciam mutuamente. Por exemplo, Maria Alzira Brum, assim como Mario Bellatin e Douglas Diegues, constituem processos de des(re)territorialização em suas obras, a partir da autoficção e suas mobilidades memoriais ou intersubjetivas, que também podem ser linguísticas. Por outro lado, numa primeira abordagem da questão, Mario

Bellatin e Dani Umpi parecem construir uma espécie de mobilidade desviante, que a autora do verbete chama braconagem, invasão do “território do outro, sujeitando-se aos perigos” (HAREL *apud* BERND, 2005). Douglas Diegues, com Maria Alzira e Rey Andújar, efetua um deslocamento tanto no sentido transcultural quanto transacional, em um processo de disseminação radical.

Num sentido amplo, a experiência intensiva da mobilidade na contemporaneidade alimentou um sentido ecológico para o sujeito, em que cada elemento incide sobre o conjunto, contribuindo para a dinâmica da rede. A relação eu-outro se potencializa pelas variantes da outridade: o estrangeiro, a mulher, a criança, o homossexual, o transgênero, o animal, o vegetal, os outros de si. A literatura rompe com a ideia de legitimidade (origem, nação e identidade) para se abrir a relações entre linguagens, interartes e transmídias, além dos aspectos sociais, históricos e culturais, desconstruindo o sentido de autonomia, procedimento relacionado às “literaturas pós-autônomas” de Josefina Ludmer (2010). Assim, o sentido de literatura ganha diferentes acepções, porque o livro se desterritorializa no processo.

Experiências artísticas da mobilidade

A ideia de literatura, nessa perspectiva, passa a responder aos múltiplos agentes que se influenciam mutuamente, desde a obra (a palavra, o som, a imagem; o autor, o leitor, o narrador, o personagem), até a edição, a impressão, a crítica, a circulação do livro. Parte da literatura na contemporaneidade se articula frequentemente à ação literária, que procura propor uma política de sensibilidade, conforme entende Jacques Rancière (2005). Um exemplo disso é o projeto “Los cien mil libros” e “Escribir sin escribir” de Mario Bellatin (2014). Considere-se também a proposta das editoras cartoneras, como mencionamos a princípio, que pretende dar acesso à literatura para as camadas mais carentes da sociedade, além da preservação da natureza, da inclusão social dos catadores de papelão nos grandes centros urbanos latino-americanos. Um fenômeno cultural que vai da Argentina ao México, incluindo várias cidades brasileiras, observa Jesús Cano Reyes (2011).

A experiência da mobilidade se manifesta como algo que ultrapassa a fetichização do objeto artístico, ao mesmo tempo em que o torna único. Isso se observa nos autores e textos a serem analisados nesse projeto de pesquisa, como também em outras expressões artísticas (como em Artur Barrio e seu *Caderno Livro*, 1978, por exemplo). Douglas Diegues deriva pela fronteira da sua origem colecionando vozes

híbridas que misturam poeticamente o português, o espanhol e o guarani, sem falar nas breves aparições do inglês e do francês. Cria uma poesia narrativa ou uma narrativa poética: sonetos que não obedecem a métrica; narrativas que oscilam entre o real e a fantasia. Brinca com referências culturais e históricas muito locais, mas também com a subjetividade e a singularidade do narrador, que marca deliberadamente um tempo-espaço imprecisos, cheio de sensações extremas (raiva, paixão, delírio). Sua expressão define a *frontera tríplice* como absoluto local, um espaço fronteiro onde a lei é suspensão, espaço do confim onde se manifesta o *portunhol selvagem*, “una música diferente, feita de ruídos, rimas nunca vistas, amor, água, sangue, árboles, piedras, sol, ventos, fuego, esperma” (DIEGUES, 2005). Não há padrão na criação poética da língua, o registro escrito das palavras pode variar, porque o que importa é o som de uma linguagem eminentemente oral. Com essa liberdade, pratica a tradução de poetas como Cruz e Sousa, Baudelaire, Fernando Pessoa para versões em portunhol selvagem, criando neologismos para significar um processo que funciona como intervenção poética, chamado “transdeliração”, em referência à teoria da transcrição de Haroldo de Campos: “transfernandopessoainventada”, “transcruz&sousainvencione”, “transbaudelarizado”.

Em *Triple frontera dreams* (2012), a des(re)territorialização, a autoficção, as mobilidades memoriais e linguísticas, o deslocamento nos sentidos transcultural e transacional são aspectos que repercutem temas de obras anteriores, como um ruído que interfere na comunicação. Seu jogo narrativo poético é de aglutinação de imagens, repetição e ciclo, intensidades. Em “La xe sy”, a linguagem infantil é elaborada para dar ritmo ao texto, ela se sustenta sobre a reiteração de imagens como “todos querem fornicar con mi mamá”, “pero ella non se vende”, “Non es boba. Non se entrega fácil” (DIEGUES, 2012, p. 5). Porém, o conteúdo e malícia desse discurso não combinam com a referência etária, desmascarando o simulacro da infantilidade que marca seu discurso. Isso reforça o sentido da linguagem construída para gerar deslocamentos de sentido. A língua oficial se torna estranha nesse ambiente, situando a figura da mãe distante dos interesses masculinos, frustrados pela inacessibilidade ao objeto de desejo.

Minha mãe é amável. // Trabalha na loja do meu avô. Foi educada no Inter, de Assunção. Recebe a todos com o mesmo sorriso de sempre. Mas los bugres-doutores, os diplomatas, los condes y los representantes comerciais confundem tudo y quieren porque quieren fornicar con minha mãe. La beleza da minha mãe deixa los hombres desnorteados. Todos quieren poner la pija en la beleza de la xe sy. Nadie tem a pele mais suave que ella. Todos quieren descargar sus

espermas gosmentos en la tatu ro'o da mi mamá. Pero la xe sy non se entrega. (DIEGUES, 2012, p. 5,6)

A desreferencialização se apresenta no espelhamento das duas versões, em portunhol selvagem, em português selvagem, em que as pequenas diferenças marcam sua proximidade pela ausência de padrão. Esse procedimento também aparece na singularidade do menino, com a imprecisão de idade, pelo excesso de figuras masculinas, uma galeria da fronteira tríplice. Ela sustenta o contraste mãe-mulher-filha, que destaca os vários pontos de vista sobre a figura feminina.

“Amantes perfectos”, segundo texto da obra, estabelece outro ritmo, de um lugar marcado pela resistência cultural aos Estados Unidos, sua origem paraguaia e a primeira viagem internacional do personagem. No espaço desreferencializado do aeroporto e do avião, na contramão da sua subjetividade, ele introduz a narrativa de uma ocorrência muito localizada, nos EUA, a do “karnicero de Milwaukee” (DIEGUES, 2012, p. 12), para criar tensão em um deslocamento que não se conclui. O discurso do eu, que parece definir o ponto de vista inicial, cede lugar a outra ação. O grotesco, o patológico, o necrofílico exercem um fascínio sobre o narrador. A narrativa parece cinematográfica, pela velocidade dos acontecimentos e pelo estereótipo de filmes *noir* norte-americanos. O submundo é o espaço em que os encontros acontecem nessa história, mas o gesto fatal se dá nos espaços familiares. Solidão e desejo subjagam o comportamento do assassino, o mistério e a complexidade do ser humano são aspectos desse relato que não exigem resposta nem conclusão, eles existem sem teleologia. Não se trata de o assassino ter sido preso, mas daquilo que o levou a cometer as atrocidades imputadas a ele.

Esse impulso animal da possessão, eminentemente masculino, que familiariza os machos da “xe sy” com o “karnicero”, sofre uma reversão no último texto da obra, chamado “*El beneno de la beleza y la lokura de las yiyis*”, em que a pulsão erótica do macho se vê subjugada pela dominação da mulher. Por mais que ele vomite, cague, mije essa mulher que o ouve, a noite abre o espaço da reincidência do vício masoquista. Noite em Campo Grande, Curitiba, Assunção, São Paulo, Rio de Janeiro, como um deserto em que todos os caminhos são possíveis, “noche prosti, noche borracha de ilusiones dolarizadas, la noche sucia de paniko y mentiras convincentes” (DIEGUES, 2012, p. 21), espaço da pulsão animal, da sobrevivência, espaço do risco. A noite é o absoluto local para os amantes, em que vida e morte apagam suas fronteiras.

Considerações finais

Nas obras de Douglas Diegues, o poeta/narrador apresenta os personagens em relação num mundo que, ao ser poetizado, perde suas referências, tornando-se peculiar e transitório, repetido e negado. Ao mesmo tempo, a expressão defende uma posição política, um lugar de fala que é o da fronteira, uma alternativa ao mundo globalizado, acadêmico, institucionalizado. Para isso, a obra e sua estética se apresentam como um projeto que propõe outro circuito, efêmero, compartilhado. É significativo que a maior parte dos livros tenham sido publicados em editoras cartoneras. Eduardo Embry, no texto “¡Welcome, compañero!”, que prefacia *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe* (publicado por uma associação de cartoneras de diferentes países em 2015), identifica essa proposta com os “pliegos valencianos”, equivalentes a livros de bolso que, na Idade Média, foram alternativas populares contra a imprensa oficial controlada pelo poder eclesiástico. Essas encadernações precárias, apesar de cuidadosas, se definem como uma forma de resistência cultural, burlando a censura e os esquemas de legitimação, ao mesmo tempo provocando, com seu assédio, os pudores mais acadêmicos. Assim, novas redes do literário se constituem na precariedade do absoluto local que não possui fronteiras, mas delírios como *ethos* da sua poética descentralizada.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. “O escritor como gesto”. *Profanaciones*. Trad. Flavia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

_____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó - SC: Argos, 2009.

BELLATIN, Mario. *Obra reunida 2*. México DF: Alfaguara, 2014.

BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIEGUES, Douglas. *Uma flor na solapa da miséria*. Buenos Aires: Eloísa Cartonera, 2005.

_____. *Triple frontera dreams*. Buenos Aires: Eloísa Cartonera, 2012.

_____. *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero (Cartonazo Editores, Perú; La Regia Cartonera, México; Ediciones Karakartón, España; La Joyita Cartonera, Chile; Casimiro Bigua Ediciones, Argentina), 2015.

ETTE, Ottmar. “Em direção a uma poética do movimento: Literaturas sem residência fixa”. Em: JASINSKI, Isabel (org). *Literaturas em trânsito, teorias peregrinas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2015.

FRANCO, Augusto de. *Dez escritos sobre redes sociais*, 2010. Disponível em: <http://escoladeredes.net/group/bibliotecaaugustodefranco/page/livros-e-textos-de-augusto-de-franco>, acesso em 22/08/2016.

GUILLÉN, Claudio. “El sol de los desterrados”. *Múltiples moradas*. Barcelona: Tusquets, 1998.

LEYS, Ruth. “The Turn to Affect: A Critique”. *Critical Inquiry*, vol. 37, No. 3, The University of Chicago Press, 2011, pp. 434-472.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina. Una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

MILLER, J. Hillis. How To (Un)Globe the Earth in Four Easy Lessons. *SubStance*, Volume 41, Number 1, Issue 127, University of Wisconsin Press, 2012, pp. 15-29.

NANCY, Jean-Luc. *El sentido del mundo*. Trad. Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La marca, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

REYES, Jesus Cano. ¿Un nuevo boom latinoamericano?: La explosión de las editoriales cartoneras. **Espéculo** – Revista de Estudios Literarios, Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Complutense de Madrid, año 15, n. 47, mar.-jun. 2011. Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero47/boomlati.html>, acesso em 20/08/2016.